



## O Rio no fim dos tempos: “entendências” barranqueiras sobre a água e a mudança climática na paisagem Sãofranciscana<sup>1</sup>

Luiz Felipe R. Benites<sup>2</sup>

### Resumo

Este paper é produto de uma pesquisa em andamento e tem por objetivo expor preliminarmente o emaranhamento do modo de habitar de ribeirinhos do Vale do Alto-Médio São Francisco, também chamados barranqueiros, com as águas e outros entes não-humanos que compõem a paisagem co-construída às margens do rio. O ponto de partida para descrever criticamente esta socialidade mais-que-humana às margens do Rio São Francisco são as “entendências” dos habitantes da Comunidade de Ribanceira, no município de São Romão, em Minas Gerais, sobre as águas em seus fluxos pluviais e fluviais. Imersos na alternância cíclica entre o “tempo das águas” e o “tempo da seca”, que orientam suas atividades de pesca e de roça, os barranqueiros da Ribanceira tem vivenciado fluxos pluviais cada vez menos frequentes e intensos, bem como experimentado o convívio com um rio preocupantemente sem “corrida” que dá cores às narrativas em tons desalentadores sobre a proximidade do “fim dos tempos”.

Palavras-chave: água, socialidade mais-que-humana, rio São Francisco, mudança climática

### Introdução

A presente reflexão é produto de uma análise preliminar a partir de uma pesquisa que se encontra em andamento. Busco aqui abordar como os moradores de áreas às margens do Rio São Francisco, também chamados de barranqueiros, pensam o lugar da água na socialidade mais-que-humana que emerge à beira do rio. A pesquisa etnográfica na qual se baseia esta reflexão vem acontecendo na comunidade quilombola e ribeirinha de Ribanceira, situada no município de São Romão, região norte de Minas Gerais.

Esta comunicação se concentra na descrição etnográfica das “entendências” dos ribeirinhos acerca da paisagem na qual se encontram imersos e da qual também são agentes

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão provisória. Solicito que o mesmo não seja citado sem prévia consulta: felipebenites74@gmail.com

<sup>2</sup> Professor associado I de Antropologia do Departamento de História, no Instituto Multidisciplinar e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

ativos de construção. “Entendência” é uma noção muito evocada por um dos meus melhores interlocutores, Juca, lavrador, folião-guia e benzedor, morador de Buritizinho, localidade vizinha à Ribanceira, mas que compõe o mesmo campo negro, para usar o conceito do historiador Flávio Gomes (2015), do qual a Ribanceira também faz parte. “Entendência” é uma expressão que corresponde a um modo de análise em que se é capaz de perceber as implicações das ações que se toma. Assim, “entendência” implica mais do que conhecer ou saber fazer algo. Certa vez, Seu Juca me mostrou de forma prática o que significava “ter entendência” quando comentava sobre o acidente de carro provocado por um motorista morador da Ribanceira. Dizia ele: “Você pode saber dirigir um carro e *não ter entendência* da violência que ele é capaz de causar”. Assim, faço uso da noção de “entendência” para denominar as práticas de sentido que envolvem a atividade reflexiva dos meus interlocutores, não apenas para descrever seus conhecimentos e habilidades práticas, mas também para incluir o que eles traçam como implicações das ações sobre o mundo que eles compõem.

Em termos analíticos, faço um exercício de dialogar com a ideia de “paisagem”, pelo que ela me instiga a pensar. Desta forma, busco combinar as perspectivas, por um lado, de Tim Ingold (2011), em que as paisagens emergem das práticas humanas e não-humanas imersas em “mundos-climas”, isto é, envoltas no emaranhamento entre superfícies e meios fluídos, e, por outro, de Anna Tsing (2019), em que estas mesmas paisagens construídas por práticas de habitar “mais-que-humanas” contam histórias que coexistem em cotemporalidades. A noção de “paisagem”, como gostaria de esclarecer, não é utilizada pelos meus interlocutores de pesquisa e, logo, não encontra seu “equivalente nativo” em nenhuma outra expressão. Entretanto, ela é, nos termos de Lévi-Strauss, boa para pensar, pelo menos enquanto ponto de partida. Ela é boa para pensar a produção do mundo em que se vive. Um mundo inacabado, em perpétuo movimento, em processo constante de transformação, mesmo que em escala infinitesimal. Enfim, ela é boa para pensar a apreensão relacional dos sujeitos pesquisados com seu entorno, a partir de suas ações imbricadas em relações entre entes humanos e não-humanos, entre actantes e materiais.

Os habitantes da Ribanceira residem em um povoado de uma área rural às margens do rio São Francisco, aproximadamente 15 km ao sul da sede do município de São Romão. O surgimento do povoado data de 1979 quando uma grande enchente causada pela combinação de intensas chuvas e da vazão sem avisos da barragem de Três Marias desabrigou todos os

moradores da Ilha da Martinha e de outras áreas marginais do São Francisco, próximas ao entorno do que hoje é a Ribanceira. Nesta ocasião, o então prefeito de São Romão comprou de um fazendeiro uma área próxima à ilha no alto de um grande barranco, na margem esquerda do rio, no qual foram feitos loteamentos para alojar os desabrigados. Assim foi forjado o nome de Ribanceira para a comunidade.

Hoje em dia, mesmo que as gerações mais novas quase não se envolvam, uma parcela significativa da população da Ribanceira ainda “mexe com roça e pesca”, sobretudo os mais velhos. Tal expressão designa a dimensão do trabalho presente no cotidiano destes interlocutores. A categoria “mexer” funciona como um equivalente do verbo trabalhar, mas não raro o extrapola para assumir a ideia mais ampla de lidar com algo. A atividade agrícola, exercida na Ilha da Martinha e na margem do São Francisco oposta à comunidade, costuma se alternar com a pesca para muitos dos meus interlocutores.

As águas são um componente crucial da vida social dos habitantes da Ribanceira. As atividades na roça e na pesca estão intrinsecamente ligadas aos dois ciclos da natureza no norte mineiro: o “tempo das águas” e o “tempo da seca”, ou simplesmente, “as águas” e “a seca”. O “tempo das águas” oscila mais ou menos entre outubro e março, correspondendo ao período em que as chuvas são mais frequentes e intensas. Nesta época, sobe o nível das águas do São Francisco e de seus afluentes. Com a cheia dos rios, a água transborda e forma lagoas que se transformam em criatórios naturais de peixes. As áreas alagadiças que se localizam nas margens de rios, córregos, veredas ou de qualquer curso d’água, se constituem em terrenos férteis para a chamada agricultura de “vazante” praticada no início do período “da seca”, que vai de abril a setembro.

### **A vida e o Rio**

Tal como já exposto, da perspectiva barranqueira, a água é pensada por categorias temporais, o tempo ou época das águas e da seca (os dois ciclos climáticos marcados pela frequência ou pela ausência de chuvas), e por meio da intensidade das águas do rio e das águas que se precipitam do céu sob a forma da chuva.

Nas palavras dos meus interlocutores, o rio enche e vaza. O movimento de encher está intrinsecamente ligado às chuvas, cujo maior fluxo se dá no tempo das águas, ainda que hoje

haja uma percepção bastante difundida de que estas ficaram menos frequentes e intensas no referido período. Embora as grandes enchentes sejam eventos que ficaram apenas na memória, as cheias do rio provocadas pela chuva no tempo das águas continuam sendo importantes para assegurar a força das águas do rio. As chuvas fazem o rio correr, “ter corrida” ou “correnteza”. A corrida do rio é algo que se avalia não apenas no tempo das águas, mas durante o ano todo, em especial quando se encerra o período de chuvas. A correnteza carrega a areia, terra, as “ripas” e “paus”, isto é, pedaços de galhos e troncos de árvores que caem no rio. Por isso, na época das chuvas, as águas do rio “barram” ou ficam “sujas”, isto é, com cor mais escura, em tons turvos e marrons. Acima de tudo, rio com corrida é rio com força, segundo meus interlocutores.

As chuvas que fazem o rio “ter corrida”, criam condições extremamente favoráveis para a atividade de pesca. Vejamos esta conversa que tive com Sabino, antigo pescador da Ribanceira, quando ele defendia a suspensão da pesca no São Francisco por um longo período, com uma contraprestação paga aos pescadores pelo governo:

[...] Quando chove, o rio enche e muda muito, melhora a pesca,[...], o movimento do peixe é outro, o peixe com as água, o peixe tem mais possibilidade de se render.

*Como assim render?*

Produzir.

*Ah, de se reproduzir mais.*

Mais peixe, né? Igual tá aqui, por exemplo, aqui tem o que: uns quase dez anos, uns dez anos parece que não tem enchente grande, quer dizer, aí vai só diminuindo. Vai diminuindo as águas e vai diminuindo os peixe, né?

[...] Sem ninguém pescar nada, então vou botar os guarda pra vigiar o rio mesmo, pra ninguém pescar nada, e Deus ajuda que tem bastante chuva, bastante chuva, aí as águas vão render [...] daqui cinco anos, se parar pra pescar, Felipe, e tiver bastante chuva pra água render, se você vir aqui com cinco anos, você estranha de peixe, porque o peixe rende rápido. Mas só que o peixe rende rápido, mas depende da água, porque o peixe, por exemplo: o peixe de rio não produz no rio, o peixe da lagoa não produz na lagoa [...], por exemplo: o peixe da lagoa vem pro rio, produz no rio, da lagoa; e o do rio vai pra lagoa, produz na lagoa, quando vem a enchente aí traz, fica naquela vai e vem, né? Porque se não tiver enchente, o peixe não produz. Você vai na lagoa este ano, pega uma curimba (curimatá) ela tá ovada.

Nesta narrativa de Sabino sobre a reprodução dos peixes há algo que é importante salientar: a drástica redução das chuvas na última década. O volume e a intensidade das chuvas são indicativos do atributo de “força” das chuvas que não só faz o rio “ter corrida”, mas torna fértil a terra na qual os barranqueiros plantam, seja nas áreas altas ou nas de vazante. As narrativas de lembrança de enchentes antigas, em especial a de 1979, marco do surgimento do povoado de Ribanceira, indicam as perdas, mas também os ganhos após as águas do rio “vazarem”, isto é, fazerem o movimento de retorno das áreas alagadas para o leito do rio, após o cessar do período de chuvas. Nas palavras de Pedro, cuja roça se situa na Ilha da Martinha, o ano de 1979 foi simultaneamente bom e ruim:

Perdeu, perdeu muita coisa, muita coisa! Tinha mandioca, tinha milho, feijão plantado, na época o prejuízo foi meio grande. Só que em compensação foi um ano de muita perca né? Perdeu muito, mas... Quando passou a enchente foi um ano de muita fartura também, porque tudo o que você plantou depois que passou a enchente, cê colheu. Foi muito bom [...].

O significado ambivalente das grandes enchentes não oblitera o seu caráter desejável pelos barranqueiros. Enchente é produto de duradouras e intensas chuvas, cuja força “leva tudo por diante” e põe em movimento o rio, fazendo-o “ter corrida”, transbordar, alagar áreas que se transformam em lagoas e, portanto, criatórios para os peixes, bem como fertilizam a terra, tornando-a própria para a agricultura, quando as águas “vazam”.

As mudanças climáticas, sentidas por meio da redução das chuvas e do conseqüente aumento dos períodos de estiagem, têm como um dos efeitos mais relatados pelos meus interlocutores, o movimento de avanço da terra sobre o rio. É claro que a relação entre terra e rio são percebidas também por outras dinâmicas que estão aquém ou além do que a intensificação das secas tem proporcionado. Desde a minha primeira passagem pelo campo, eu me impressionava com as descrições de um dos meus interlocutores, Seu Vital, sobre a formação das ilhas no São Francisco. Há mais de 10 anos, enquanto navegávamos pelo Rio, Vital chamava a minha atenção para alguns galhos rodeados de um pouco de terra, em meio ao rio. “Fica os paus na enchente e vai juntando terra em volta. As águas trazem os paus. Aí as ilhas vão formando, vão juntando”, dizia ele, me alertando para os singelos movimentos de materiais orgânicos (paus e outras formas de vegetação), minerais (terra e água) e atmosféricos

(vento) que produziam mudanças infinitesimais, mas significativas no relevo do rio com os distintos ciclos climáticos.

Conforme vai se estendendo e se intensificando o tempo da seca, após o cessar do tempo das águas, o rio vai sendo descrito como “parado”. Embora a condição de “parado” seja aceitável, sobretudo no auge das secas, o rio tem padecido desta situação por muito tempo, segundo meus interlocutores. Ano após ano, o rio tem se mantido preocupantemente “parado”, “sem corrida”, logo, raso e enfraquecido. A situação ficou mais grave nos anos 2000, quando a região enfrentou a pior seca registrada até 2020, quando as chuvas de fevereiro e março, cujo volume foi o maior registrado nos últimos oito anos, trouxeram lembranças dos tempos antigos. À redução do volume de chuvas anuais acrescenta-se o acúmulo de areia e “paus” que fazem o rio ficar progressivamente “sem corrida” ou “parado”, aumentando as áreas das ilhas e criando outras novas. Neste contexto, os peixes procuram áreas de águas mais profundas onde se escondem nas “lócas”, esconderijos formados por paus e pedras no fundo dos rios, dificultando a sua pesca. Assim, como minguam as áreas passíveis de se praticar a agricultura de vazante. Embora meus interlocutores incluam os desígnios de Deus nas suas explicações acerca das transformações do mundo em que vivem, certamente os barranqueiros não ignoram o papel da agência humana neste cenário, tal como pode se depreender deste longo diálogo que tive com Seu Vital e Seu Pedro:

*E o que o senhor acha que está acontecendo para chover menos?*

- (Seu Pedro) Moço, é o seguinte, eu mesmo eu não sei nem o que é disso, mas eu tenho ouvido mais, essa parte, é da boca do povo. Uns fala que é os desmato, outros fala que é a época, né?

*A época?*

- (SP) É, assim, os tempos vão chegando né.

*Os tempos? Como assim?*

- (SP) Os tempos assim, porque diz que quando chegasse no final dos tempos, né, das era, tudo ia mudar, né? E então hoje eu tô meio grilado nisso, que eu tô achando que tá mudando mesmo, não sei se tá chegando o fim, não sei, né? Mas que tem mudança tem. O que aconteceu ó, de dois mil pra cá aqui mudou muito, o peixe acabou, tá acabando, as água tá secando né? O povo, uns fala [...] que é os desmato, outros fala que é as queimada, eu também não duvido de nada [...], porque isso aí tudo pode ajudar mesmo né? Porque antigamente, no tempo dos pais da gente, dos avós, plantava uma roça aí, queimava aquilo tudo, nos primeiro ano a roça dava muito boa que tava aquela terra, mas no segundo ano daí a terra morria né? Cê põe um fogo numa coivara aí, que ela

queima que dá brasa, aquilo fica o resto da vida lá, queimado lá, nunca que aquela terra volta ao normal mais. A não ser que venha uma enxurrada e carregue aquilo lá e venha outra e remonte.

[...] Mas cê vê hoje, o rio estreitou e o peixe acabou né? E a corrida do rio acabou, né? [...] essa Ilha aqui, como nós conhecemos ela [referindo-se à Ilha da Martinha]. Como nós conhecemos ela, aí é o seguinte, essa Ilha aqui ela cresceu, tem lugar aqui que ela cresceu quase metade de largura.

*Ela aumentou?*

- (SP) Aumentou. Aí Felipe, a Ilha ali se você for lá e te mostrar lá aonde que era a ponta da Ilha, aonde que terminava a Ilha, aonde é que era rio hoje, é pouca gente que acredita não é compadre? É pouca gente que acredita.

- (Seu Vital) Quem que vai falar hoje, ali entre as duas ilhas, era o rio? [...] No meio das duas ilhas, passava um rio, nessa época ainda tava correndo. [...] Esse outro rio que passava lá dentro da Ilha, uma época dessa eu cansei de passar rede lá pescando.

- (SP) Tinha água mais do que essa aqui ó (apontando para a ilha), na época da seca agora, e tinha mais água do que esse aqui, o rio secou, emendou as ilhas.

- (SV) O rio enche, o rio vaza e tá lá, não pega um peixe mais, quer dizer assim, vindo das lagoas. Porque o fazendeiro hoje faz aterro, pra fechar aquela água lá.

*Ah, eles aterram também?*

- (SP) Aterra a boca do [...] Aqui nós se trata de sangrador, entrada de sangrador. [...] Ele vem do rio, faz aquele córrego e joga nas lagoas, naquelas praias né, fora.

*E os fazendeiros estão aterrando?*

- (SP) Aqui acolá eles aterram. [...] Aqui também, essa lagoa aqui do Bonfim, eles aterraram lá.

*Mas por que fizeram isso? O que eles diziam?*

- (SP) Uai, ruindade do homem rapaz. [...]

- (SV) Secava pra sair o pasto né?

*Ah, por causa do pasto pro gado...*

- (SP) Porque a beira da lagoa é sempre, é bom pra pasto né? E secando, aumenta mais a terra. Hoje o que acontece? Os homem fizeram isso, vários deles fizeram isso, aterraram, meteram a draga naquele lugar que era lagoa, meteu a draga, dentro das lagoa, plantaram bem, plantou outros tipo de capim, hoje tem a terra, mas cadê a água? E o que fizeram aqui uma vez pra secar uma nascente que tinha ali dentro, hoje tá chorando né? Por exemplo, mesmo ali no Rogério [fazendeiro vizinho], tiveram que por, abrir poço artesiano né? Um lugar rico de água igual eles tinham, né?

Hoje em dia, os pescadores reclamam que os fazendeiros da região, cujas lagoas se formavam em suas propriedades, tem fechado as “bocas” das lagoas, isto é, a entrada dos “sangradouros”. Estes canais naturais conduziam a entrada e depois a saída das águas do rio e foram fechados para evitar o alagamento de áreas que foram transformadas em pastagem para a criação de gado, atividade que tem se expandido na região. Por outro lado, as práticas de controle dos órgãos ambientais também são evocadas para diagnosticar o excesso de terra que reduz a “corrida” do rio. Seu Pedro e Seu Vital me explicaram desta maneira:

- (SP) Agora, Felipe, tem uma coisa que [...] eu não sei se pode concordar ou discorda das ideia, mas tem uma coisa, que eu não sou contra o IBAMA, Florestal, eu não sou contra não, que tem ajudado muito. Mas se tem uma coisa que eu tô achando, na minha opinião, o que eles não tão querendo aceitar, por exemplo, aqui pra baixo é rio, o rio vazou, nasceu aquele tanto de mato dentro do rio, aquele mato você não pode cortar.

- (SV) Aquela areia que tem não pode tirar.

- (SP) Aquela mato, se a Florestal passar aí ou o IBAMA e ver você cortando aquele mato de dentro do rio, eles até prendem, acham ruim. E [...] é o seguinte, nós já vimos... a gente convive aqui na beira do rio com a natureza, a gente já viu muita coisa acontecer, você enfia um pau aqui e outro aí, aqui você põe, amarra umas vara nele, deixa ali. Quando o rio enche, que ele chega aqui, ali faz um murundu ali, sabe o que é um murundu?

*O que é murundu?*

- (SP) Murundu é um monte de terra. Faz aquele monte de terra, mesmo que cê pegue aquele monte... quando o rio vazou, foi lá você, desatou aquilo, mas aquele terra ali não baixa mais, é o que tá acontecendo com o rio.

- (SV) O rio enfraqueceu a corrida né?

- (SP) O rio enfraqueceu a corrida.

*Aí ele corre menos, é isso?*

- (SP) Corre menos, porque tudo que ia ter aqui ele... a corrida diminui. E o mato de lá dentro do rio, o que tá acontecendo é isso, mato nasce dentro do rio, se você cortar e eles verem, não pode cortar, e devia ser cortado. Eu vou dizer assim, no barranco tudo bem, mas dentro do rio devia ser cortado, porque todo ano que o rio vem e dá enchente, passa levantando a terra, só levantando, aí ele vai só aterrando. Aí no outro rio de lá mesmo, onde é a vazante nossa lá, roça nossa lá, lá deve ter crescido uns cem metro ou mais da onde era o barranco do rio pra lá, né? Então esse mato, vai nascendo capim, nasce capim, nasce alagadiço e vai só suspendendo. Toda vez que a enchente vem, vai só fazendo mais remonte, vai só remontando e vai só subindo. Ali o rio, no correr da seca já não volta de mais, vai ficar pra lá. [...]

- (SP) Pois é, aqui ó, se você por uma draga ali na ponta da ilha ali, pra tirar areia e jogar fora, se não for registrado, você não pode mexer.

Assim, na perspectiva barranqueira, tanto a ação dos órgãos ambientais quanto a dos fazendeiros têm criado mais obstáculos à já “enfraquecida corrida” do São Francisco, derivada da decrescente precipitação das chuvas. Contudo, há ainda um outro produto da ação humana que tem contribuído para a condição “parada” do rio São Francisco: as barragens. Vejamos a continuação da conversa com Seu Vital e Seu Pedro:

- (SP) E outra coisa que eu acho que enfraqueceu muito a corrida do rio daí pra cá foi que veio os aterro no rio mais as barragens.

*As barragens?*

- (SP) As barragens, eu acho, você sabe por quê? [...]a barragem, ela é [...]de Sobradinho, [...]De lá da barragem de Sobradinho, -ah, não, mas daqui em Sobradinho tem não sei quantos mil quilômetro de distância. É, tá certo tá, mas ela lá, essa terra lá, a areia do rio ela movimenta, ela ia embora lá pro mar, né? Mas fez a barragem lá, ela chega lá, ela acumula, você tá entendendo? [...]

[...] Então quando compara o rio, a mesma coisa. Daqui no Sobradinho tem muita distância, mas lá, ela vai parando lá, a outra também vai parando pra cá ué, a mesma coisa. Ou então, a força do... a água já não corre mais, ela corria, e a areia também vai só levantando, ela vai levantando aqui, ela vai levantando pra trás. [...]

- (SP) Então isso, eu acho assim, as vez pode não ser, igual eu te falei, pode ser época mesmo, tá chegando o final dos tempo mesmo. Mas pode tudo isso, ajudar.

- (SV) Mas pode ser também ser coisa do homem, sabedoria do homem tá muita, e ele tá acabando com as coisas.

### **Extraindo algumas implicações**

Tendo em vista o que apresentei, tento esboçar agora algumas breves e preliminares ressonâncias de sentido entre a noção de paisagem de Ingold e Tsing e a percepção dos barranqueiros em relação ao lugar que habitam, ainda que as formulações nativas, assim como o rio, transbordem as teorias dos autores.

Ingold faz parte de um rol de autores muito diversos que tem repensado a fixação das fronteiras das noções moderno-ocidentais de natureza e cultura, para percebê-las em continuidade. Ao seu modo, ele rejeita a oposição entre um sujeito que se percebe de fora de um mundo que pode ser tornado objeto, e, portanto, contemplado externamente. Na metafísica

imanentista de Ingold, não há uma distância fundamental a partir do qual o sujeito objetifica a natureza, antes, enquanto ser-no-mundo, é partir do seu engajamento no mesmo que o sujeito pode conferir-lhe sentido. A paisagem seria, então, nem um cenário externo, nem um mundo acabado, ou mesmo uma imagem mental. Ela diz respeito a um mundo inacabado em processo contínuo de construção e, logo, de transformação, no qual imbricam-se ações e movimentos de entes humanos e mais que humanos. Neste mundo em construção, as superfícies materiais encontram-se imersas em “mundos-climas”, ou seja, em meios fluídos que costumam compor o que chamamos de tempo meteorológico, isto é, os ventos, chuvas, ondas de aquecimento e frio, com seus respectivos fluxos de luminosidade, correntes de calor e umidade, propagações sonoras provenientes de agências mundanas diversas. As características duráveis das paisagens são sempre cristalizações da passagem do tempo, desde que este não seja tomado em sua forma cronológica. Me parece que os tempos (das “águas”, da “seca”, a “época”) e os movimentos de entes e coisas evocados nas “entendências” produzidas pelas práticas de engajamento dos meus interlocutores estendem etnograficamente os horizontes analíticos das formulações de Ingold.

Por sua vez, Anna Tsing chama a atenção para as histórias humanas e não-humanas que se emaranham e, não raro, catalisam dinâmicas ferais que escapam completa ou parcialmente aos planejamentos humanos, na formação das paisagens “mais-que-humanas”. Creio que as histórias das areias acumuladas pelas barragens sejam um destes exemplos.

O passado se insinua com frequência nas percepções acadêmicas e nativas do São Francisco, principalmente para contrastar com um presente desalentador. A “inexorável extinção do Rio São Francisco” tem sido muito repercutida não só nos círculos acadêmicos e na imprensa nos últimos anos. O debate sobre as décadas de intervenção humana na bacia do “Velho Chico” tem produzido uma consciência, não raro pessimista, sobre os graves efeitos da criação de barragens, da destruição progressiva da vegetação nativa de suas encostas, bem como do contínuo e intenso lançamento de resíduos industriais, sanitários e de agrotóxicos aplicados em larga escala pelas monoculturas no leito do rio e de seus afluentes. O assoreamento e a poluição do rio, bem como o comprometimento da reprodução dos peixes (piracema) devido às barragens, além do impacto de longos períodos de estiagem que se sucedem pelas mudanças climáticas são alguns dos efeitos que os barranqueiros vêm lidando com dificuldade, mas com incrível lucidez. A percepção de quem mora nas beiras do São Francisco não é menos severa do que a dos cientistas, embora suas práticas cotidianas relacionadas à pesca e à agricultura

sejam afirmações pungentes e resilientes da vida que se refaz permanentemente. Se os tempos da seca tornam-se ciclicamente mais intensos e longos que os das águas, fazendo avançar a terra que torna o rio “estreito”, “parado” e “sem corrida”, a agência humana em diferentes registros é um dos importantes vetores de transformação degradante da paisagem sãofranciscana. A ação dos próprios pescadores, dos agentes públicos que constroem barragens e fiscalizam atividade dos pescadores, mas são permissivos com a degradação perpetrada pelos fazendeiros que fecham as bocas das lagoas para plantar pasto para o gado e cujo uso de agrotóxicos em larga escala contamina o rio parecem dar cores à “época”, de que falam os barraqueiros, ao menos os que se identificam como católicos, em tom apocaliticamente bíblico.

Entretanto, a vida parece ressurgir a todo o momento em que o movimento de humanos e não-humanos, aqui não incluídos apenas as formas ditas bióticas de existência, mas também as águas, a terra, os ventos, se entrelaçam para vazar, transbordar ou exceder uma ideia biológica de vida, imersa no *imaginário do carbono*, de que fala Elizabeth Povinelli (2016). Meus interlocutores têm uma trajetória marcada por pequenas e grandes itinerâncias, tal como já expus em Benites (2018): “caçando uma vida melhor” de fazenda em fazenda, nas quais foram agregados, devido a desentendimentos, não raro violentos, com os proprietários; nos rituais que envolvem os “giros de folia” entre casas da comunidade e fora dela; nos deslocamentos duradouros ou temporários para trabalhar em outras localidades, sobretudo nas grandes metrópoles. Viver ganha sentido para os meus interlocutores por meio de verbos e expressões associados a movimentações que designam determinadas práticas e relações, como, por exemplo, “mexer” com algo (roça, pesca, rio etc.) ou alguém (fazendeiros, gado, peixes, santos etc). O rio São Francisco demonstra sua força vital ou seu enfraquecimento por meio dos seus movimentos de “encher” e “vazar”, “ter corrida” ou ficar “parado”. Assim também, as nuvens se movem e se juntam para “formar o tempo” conferindo beleza ao céu cinzento que por sua vez torna-se prenúncio do movimento de precipitação das águas sob a forma da chuva, essencial para fertilização da terra e para fazer o rio ter “corrida”. A terra é conduzida pelas águas que “carregam tudo”, mas encontram nas infraestruturas das barragens seus pontos de acúmulo e retorno para o fundo do rio. São nesses movimentos de pessoas, águas, terra, plantas, peixes, entre outros actantes, que a vida, em uma paisagem cada vez mais imersa em uma atmosfera seca, vai moldando contemporaneamente o entorno do “Velho Chico”. A etnografia que venho conduzindo também está em movimento e, provavelmente, me levará a outras

correntezas, travessias e remansos do pensamento e, quiçá, aproxime-se heurísticamente do que a tem inspirado: as “entendências”.

### **Referências**

BENITES, Luiz Felipe. 2018. “What happens between the *roça* and the urban periphery? Some questions about movement”. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 15(1).

GOMES, Flávio dos Santos. 2015. *Mocambos e Quilombos*. Rio de Janeiro: Claro-Enigma.

INGOLD, Tim. 2011. “Landscape or weather-world?”. In: *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.

POVINELLI, Elizabeth. 2016. *Geontologies: a requiem to late liberalism*. Durham, NC: Duke University Press.

TSING, Anna L. 2019. “Em meio à perturbação: simbiose, coordenação, história e paisagem”. In: *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB/Mil Folhas.